



**JEL UERJ**  
Jornadas de Estudos da Linguagem  
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



## **Historicização e sentidos de Língua Portuguesa em Moçambique**

Bethania Mariani  
[bmariani@terra.com.br](mailto:bmariani@terra.com.br)  
CNPq/FAPERJ

Palavras-chave: História das ideias linguísticas; sentidos de Língua Portuguesa em Moçambique; colonização linguística e revolução; resistência  
Linha teórica: História das ideias linguísticas e Análise do discurso  
Tipo de apresentação: comunicação em sessão temática

Este trabalho tem como objeto de reflexão a historicização da Língua Portuguesa em Moçambique. É um trabalho que se insere no campo teórico da História das Ideias Linguísticas, uma pesquisa realizada com o aporte metodológico da Análise do Discurso. Objetiva-se, especificamente, apresentar os resultados de uma viagem de trabalho feita a Moçambique, em março último, quando foram obtidos documentos relevantes sobre a história dos sentidos da Língua Portuguesa em Moçambique. O *corpus* analisado, portanto, é constituído por esses documentos.

Nos dias atuais, a Língua Portuguesa em Moçambique encontra-se em situação minoritária frente às línguas autóctones. Das dez mais importantes línguas da África subshaariana, cada uma com mais de três milhões de falantes, quatro são banto: “o kirwanda, o zulu, o xhosa e o emakhwa (macua), esta última falada só em Moçambique.” (Rocha, 2006, p. 14) Para muitos historiadores e linguistas, e de acordo com o Censo Populacional Moçambicano de 1997, há algo em torno de 60 línguas da família Banto, com suas variantes dialetais, faladas em Moçambique, sendo que mais de seis milhões de moçambicanos (40% da população) são falantes de Makua-Lomwe (Rocha, *op.cit.*, p. 19). De um modo geral, conforme Firmino (2006) as línguas autóctones são usadas no meio familiar na região rural. Essas línguas também são usadas no rádio e na televisão<sup>1</sup> em programas de entrevistas, comunicados oficiais, músicas, noticiários. Há, também, casos de bilinguismo em várias regiões do país. O meio religioso protestante se vale do uso de línguas autóctones; já na igreja católica, seguindo a ideologia colonizadora, usa-se menos as línguas da terra e mais a portuguesa. (Firmino, 2006, p. 63-65) Essa complexa situação linguística de Moçambique, porém, não se inaugura agora.

A imposição do português como língua de civilização durante a colonização linguística (Mariani, 2004) se realizou com uma política de silenciamento das línguas africanas autóctones. As línguas autóctones não podiam ser usadas no âmbito institucional, e o uso do português tornou-se obrigatório nas escolas apenas no início do

---

<sup>1</sup> Firmino menciona que a televisão em Moçambique não tem uma transmissão para todo o país, atingindo sobretudo regiões urbanas, onde há uma concentração de falantes de língua portuguesa. A rede RTK, porém, apresenta seu noticiário em Xichangana. (Firmino, 2006, p. 66, nota 60)

século. No entanto, apenas uma pequena parcela da população africana tinha acesso à escolarização. Assim, a língua portuguesa significava a língua da elite, meio de expressão de uma classe social mais elevada, que ocupa postos mais relevantes no governo colonial em todos os centros urbanos. O processo de colonização linguística traz essa marca no que diz respeito à língua do colonizador: a língua do colonizador é uma marca indelével nas línguas que resultam da história das colonizações, é uma marca indelével tanto quanto o silenciamento das línguas da terra. Assim, o que este trabalho se propõe a apresentar é a historicização da Língua Portuguesa em Moçambique. Ou melhor, são as várias etapas dessa historicização que pretendemos relatar ao longo de nossa exposição, chamando a atenção para as distintas significações que podem ser atribuídas à Língua Portuguesa: de língua de colonização à língua oficial da descolonização, de língua do opressor, tornou-se língua do movimento revolucionário. Ou seja, dois sentidos para língua portuguesa entram em circulação: de um lado, mantém-se a memória língua do colonizador como língua da opressão; de outro, o acontecimento (futuro) da revolução aponta para uma língua portuguesa como língua da revolução, que não se realiza sem as demais línguas da terra. Assim, o acontecimento da colonização linguística portuguesa, enquanto memória-e-esquecimento, não perde seu vigor, mas é absorvido e ressignificado pela elite e pelos revolucionários, provocando uma virada nos modos da língua portuguesa, como objeto simbólico, fazer sentido. Mas isso não se fará sem tensões, pois as relações de poder funcionam contraditoriamente e as contradições se inscrevem na língua. É o que nos permite ler, na história das sociedades, a história das línguas e vice-versa, conforme já sinalizou Orlandi (2002).

#### Referências bibliográficas

FIRMINO, Gregório. *A questão lingüística na África pós-colonial. O caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo, Texto Editores, 2006.

MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística*. Campinas, Pontes, 2004

ORLANDI, Eni *Língua e conhecimento lingüístico; para uma história das idéias no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 2002.